

Bram Stoker

DRÁCULA

Tradução:
Alexandre Barbosa de Souza



ZAHAR

Copyright da tradução © 2015, Alexandre Barbosa de Souza

Copyright desta edição © 2017:

Jorge Zahar Editor Ltda.

rua Marquês de S. Vicente 99 – 1^ª | 22451-041 Rio de Janeiro, RJ

tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787

editora@zahar.com.br | www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo

ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo

Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Revisão: Tamara Sender, Mônica Surrage

Projeto gráfico: Carolina Falcão

Capa: Rafael Nobre/Babilonia Cultura Editorial

CIP-Brasil. Catalogação na publicação

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Stoker, Bram
S883d Drácula: edição bolso de luxo/Bram Stoker; tradução Alexandre Bar-
bosa de Souza. – 1.ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

(Clássicos Zahar)

Tradução de: Dracula
ISBN 978-85-378-1619-6

1. Ficção irlandesa. 2. Vampiros – Ficção. 1. Souza, Alexandre Bar-
bosa de. II. Título III. Série

16-38259

CDD: 828.99153

CDU: 821.111(41)-3

APRESENTAÇÃO

Nascido a 8 de novembro de 1847, terceiro dos sete filhos de um funcionário da administração britânica na Irlanda, Bram (apelido de Abraham) foi um menino doente até entrar na escola, aos sete anos de idade. Já adolescente, de 1864 a 1870, frequentou o Trinity College, onde formou-se advogado. Estudou também matemática e presidiu a prestigiosa Sociedade Filosófica da universidade, para a qual apresentou seu primeiro ensaio, “Sensacionalismo na ficção e na sociedade” (1868). Em 1870, ingressou na administração pública britânica, começando a defender o autogoverno irlandês integrado ao Reino Unido (Home Rule). Três anos mais tarde, já com alguns contos e críticas teatrais publicados em jornais, tornou-se brevemente editor do *Irish Echo*.

Mais tarde Bram foi assistente pessoal do grande ator inglês Sir Henry Irving e gerente de seu teatro em Londres, o Lyceum, cargos que ocuparia por 27 anos. Produziu, junto com Ellen Terry, uma das principais atrizes inglesas da época, vários espetáculos shakespearianos.

Publicou, entre outros, *The Primrose Path* (1875), *The Snake’s Pass* (1890), *The Watter’s Mou’* (1895), *Miss Betty* (1898), *The Mystery of the Sea* (1902), *The Jewel of Seven Stars* (1903), *The Man* (1905), *Personal Reminiscences of Henry Irving* (1906), *Lady Athlyne* (1908) e *The Lair of the White Worm* (1911), além de dezenas de contos reunidos em *Under the Sunset* (1881), *Snow-*

bound (1908) e *Dracula's Guest* (publicado postumamente em 1914).

Bram Stoker morreu em sua casa em Londres, aos 64 anos, em 20 de abril de 1912.

Inspirado, acredita-se, em um pesadelo de Stoker, *Drácula* é seu quinto romance, publicado originalmente em 26 de maio de 1897, com tiragem inicial de 3 mil exemplares. Embora hoje seja o livro de maior sucesso do autor, quando lançado recebeu críticas em geral não muito positivas.

Obra epistolar ágil e bem construída, narra a perseguição frenética de um grupo organizado e decidido a aniquilar o velho aristocrata romeno (ou húngaro) Conde Drácula, o vampiro mais famoso da literatura. Dessa caçada pavorosa fazem parte Jonathan e Mina Harker, o médico e professor holandês Van Helsing, o lorde inglês Arthur Holmwood e sua noiva Lucy, o psiquiatra John Seward, o playboy texano Quincey Morris, entre outros.

Seu caráter polifônico, sem nenhum narrador onisciente, cria uma interessante repetição dos fatos entre os diversos narradores, até que sejam conhecidos todos os detalhes de uma história em aberto. Além disso, o livro trata do embate entre o Bem e o Mal, do conflito entre o pensamento científico, racional, “ocidental” e os aspectos irracionais, sobrenaturais, “orientais”.

Esta edição traz o texto original e integral.

Esta é uma versão reduzida da apresentação de Alexandre Barbosa de Souza para *Drácula*, publicado pela Zahar em 2015.

Ao meu querido amigo Hommy-Beg

NOTA INTRODUTÓRIA

Como esses papéis foram ordenados em sequência se tornará manifesto durante sua leitura. Todos os assuntos desnecessários foram eliminados, de modo que uma história quase contraditória às potencialidades do que se acredita hoje em dia possa se sustentar como um fato comum. Não há nenhuma afirmação sobre coisas passadas em que a memória pudesse falhar, pois todos os registros escolhidos são perfeitamente contemporâneos aos fatos e oferecidos a partir dos pontos de vista e dentro do espectro de conhecimentos das próprias pessoas que os fizeram.

PREFÁCIO DO AUTOR À
PRIMEIRA EDIÇÃO ISLANDESA (1901)

O leitor desta história muito em breve entenderá como os acontecimentos descritos nestas páginas foram gradualmente reunidos de modo a perfazer uma unidade lógica. Além da exclusão de detalhes menores que considere desnecessários, deixei as pessoas envolvidas relatarem suas experiências cada uma à sua maneira, mas, por motivos óbvios, alterei os nomes das pessoas e dos lugares envolvidos. Em todos os demais aspectos, mantive o manuscrito inalterado, em deferência aos desejos daqueles que consideraram seu dever apresentá-lo aos olhos do público.

Estou plenamente convencido de que não existe qualquer dúvida quanto à realidade dos acontecimentos descritos aqui, por mais inacreditáveis e incompreensíveis que possam parecer à primeira vista. Ademais, tenho certeza de que, até certo ponto, eles permanecerão incompreensíveis, embora a pesquisa contínua na psicologia e nas ciências naturais possa, no futuro, fornecer explicações lógicas para acontecimentos tão estranhos que, no presente, nem os cientistas nem a polícia secreta conseguem entender. Torno a afirmar que a misteriosa tragédia aqui descrita é inteiramente verdadeira em todos os seus aspectos externos, ainda que, naturalmente, eu tenha chegado em determinados pontos a conclusão diferente da dos envolvidos na história. Mas os acontecimentos são incontroversos, e são tantas pessoas a saber deles que não podem ser negados. Essa série

de crimes ainda não saiu da memória – crimes que parecem ter a mesma origem e que, ao mesmo tempo, geraram tamanha repugnância nas pessoas por toda parte, tal como os assassinatos de Jack o Estripador, que entraram para a história um pouco depois. À lembrança de muitas pessoas virá um notável grupo de estrangeiros que, por muitas temporadas, teve um papel de destaque na vida da aristocracia aqui em Londres; e algumas pessoas se lembrarão de que uma delas desapareceu subitamente sem motivo aparente e sem deixar vestígios. Todas as pessoas que voluntariamente – ou involuntariamente – desempenharam um papel nesta notável história são conhecidas do público e bastante respeitadas. Tanto Jonathan Harker quanto sua esposa (uma mulher de caráter) e o dr. Seward são amigos meus já há muitos anos, e nunca duvidei de que estivessem dizendo a verdade; e o cientista altamente respeitado, que aparece aqui sob pseudônimo, também seria famoso demais em todo o mundo civilizado para aparecer com seu próprio nome, que desejei não especificar, para ocultá-lo do público – sobretudo de todos aqueles que, por experiência, aprenderam a valorizar e a respeitar seu gênio e suas realizações, ainda que não compartilhem de suas opiniões sobre a vida mais do que eu. Mas, nestes nossos tempos, é preciso que fique claro para todos os homens que pensam seriamente que “existem mais coisas entre o céu e a terra do que sonha nossa vã filosofia”.

Londres
Agosto de 1898
B.S.

CAPÍTULO I

DIÁRIO DE JONATHAN HARKER (em taquigrafia)

3 de maio, *Bistritz* – Saí de Munique às 8h35 da noite, no 1º de maio, alcançando Viena cedo na manhã seguinte; deveria ter chegado às 6h46, mas o trem atrasou uma hora. Budapeste parece linda, pelo que pude ver da janela do trem e pelas poucas ruas que percorri. Receei me afastar muito da estação, uma vez que havíamos chegado com atraso e partiríamos o mais próximo possível do horário correto. A impressão que tive foi de que estávamos saindo do Ocidente e entrando no Oriente; a mais ocidental das esplêndidas pontes sobre o Danúbio – que aqui possui nobre largura e profundidade – nos conduziu às tradições do domínio turco.

Sáimos em boa hora e chegamos a Klausenburgh depois de escurecer. Passei a noite no Hotel Royale. No jantar, ou melhor, na ceia, comi uma galinha temperada com uma espécie de pimenta vermelha que estava muito boa, mas me deu muita sede. (Lembrete: levar a receita para Mina.) Perguntei ao garçom, e ele disse que se chamava *paprika hendl* e que, como se tratava de um prato nacional, eu poderia encontrá-lo em qualquer lugar nos Cárpatos. Meus rudimentos de alemão têm sido bastante úteis. A bem dizer não sei como me sairia sem eles.

Dispondo de algum tempo livre quando ainda estava em Londres, fizera uma pesquisa no Museu Britânico, em busca de livros e mapas sobre a Transilvânia. Ocorreram-me que um mínimo de conhecimento prévio haveria de ser relevante no trato com um nobre da região. Descobri que o distrito que leva seu nome fica no extremo oriente do país, na fronteira de três estados, Transilvânia, Moldávia e Bucovina, em meio às montanhas dos Cárpatos; uma das regiões mais selvagens e menos conhecidas da Europa. Não consegui encontrar em nenhum mapa ou livro a localização exata do castelo Drácula, uma vez que não existem mapas desse país comparáveis aos da nossa Ordnance Survey; mas apurei que Bistritz, o entreposto postal referido pelo conde Drácula, é um lugar bem conhecido. Deixarei aqui algumas anotações, no intuito de que refresquem minha memória quando for relatar a viagem a Mina.

A população da Transilvânia está dividida em quatro nacionalidades distintas: saxões no sul, e mesclados a eles os valáquios, que descendem dos dácios; magiares no Ocidente, e székelys no Oriente e no norte. Estou entre estes últimos, que alegam descender de Átila e dos hunos. Isso pode bem ser verdade, pois quando os magiares conquistaram a região no século XI encontraram ali os hunos já estabelecidos. Li que todas as superstições conhecidas no mundo estão reunidas na ferradura dos Cárpatos, como se o lugar fosse o centro de alguma espécie de redemoinho imaginativo; caso seja, minha estada há de ser muito interessante. (Lembrete: perguntar tudo sobre as superstições ao conde.)

Não dormi bem, embora a cama fosse confortável, pois tive todo tipo de sonhos estranhos. Um cão uivou a noite inteira embaixo da minha janela, o que pode ter algo a ver com isso; ou talvez tenha sido a páprica, pois precisei beber toda a água da minha garrafa e continuei com sede. Adormeci quase de manhã e fui acordado por batidas insistentes na porta, portanto, imagino que estava dormindo pesadamente. No desjejum comi mais páprica, uma espécie de mingau de milho que disseram se chamar *mamaliga* e berinjela recheada com carne moída, um prato delicioso, que eles chamam de *impletata*. (Lembrete: pedir também a receita disso.) Precisei comer depressa, pois o trem saía pouco antes das oito, ou melhor, deveria ter saído, porque depois de correr para chegar à estação às sete e meia precisei esperar sentado em meu vagão por mais de uma hora até a partida. Parece-me que quanto mais orientais, menos pontuais são os trens. Como não devem ser os da China?

Durante o dia inteiro percorremos lentamente uma região repleta de toda sorte de belezas. Aqui e ali vimos cidadezinhas ou castelos no topo de encostas íngremes, como as que vemos em velhos missais; passamos junto de rios e córregos que, pelas largas margens rochosas dos dois lados, pareciam sujeitos a grandes inundações. É preciso muita água, além de fortes correntes, para arrancar a vegetação que margeia um rio. A cada parada havia grupos de pessoas, às vezes multidões, usando todo tipo de indumentária. Alguns pareciam os nossos camponeses ou aqueles que vi atravessando a França e a Alemanha, com seus paletós curtos, chapéus redondos e calças rústicas; porém havia outros muito pitorescos. As mulheres pareciam

bonitas, até você se aproximar, mas eram muito negligentes com a cintura. Vestiam todas algum tipo de camisa de mangas brancas compridas, e a maioria usava grandes cintos com várias fitas, ou algo parecido, penduradas como saiotos de balé, mas evidentemente estavam de anágua por baixo. As figuras mais estranhas que vimos foram os eslovacos, que eram mais bárbaros que os demais, com seus grandes chapéus de vaqueiro, folgadas calças pardacentas, camisas brancas de linho e enormes e pesados cintos de couro, de quase quinze centímetros de largura e cravejados de alfinetes de latão. Usavam botas altas, por cima das calças, longos cabelos negros e bigodes negros e fartos. São muito pitorescos, mas não parecem simpáticos. No teatro, dariam um perfeito bando de salteadores orientais. Mas, segundo me disseram, são bastante inofensivos, faltando-lhes até mesmo alguma assertividade natural.

Adentrávamos o lado escuro do crepúsculo quando chegamos a Bistritz, um lugar antigo e muito interessante. Situada quase na fronteira – pois pelo passo Borgo chega-se a Bucovina –, a cidade teve uma existência tempestuosa, da qual certamente ainda exhibe marcas. Cinquenta anos antes, uma série de grandes incêndios causou danos terríveis, em cinco ocasiões distintas. No início do século XVII, foi sitiada durante três semanas e treze mil pessoas morreram, com a fome e as doenças se somando às baixas de guerra.

O conde Drácula havia me orientado a procurar o Golden Krone Hotel, que descobri, para minha grande satisfação, ser muito antiquado, pois evidentemente me interessava ver o máximo que pudesse dos costumes do país. Ficou claro que me

aguardavam, pois quando cheguei perto da porta fui recebido por uma senhora idosa e entusiasmada, usando o tradicional traje de camponesa – anágua branca com um longo avental duplo, na frente e atrás, de tecido colorido e apertado demais para qualquer decoro. Quando me aproximei, fez uma mesura e perguntou:

– *Herr* Inglês?

– Sim – respondi. – Jonathan Harker.

Ela sorriu e comentou alguma coisa com um senhor idoso, de camisas brancas, que a seguira até a porta. O homem saiu, mas voltou na mesma hora com uma carta:

Meu amigo, bem-vindo aos Cárpatos. Aguardo-o ansiosamente. Durma bem hoje à noite. A diligência partirá para Bucovina amanhã, às três; nela há um lugar reservado para você. No passo Borgo, minha carruagem o estará esperando e vai trazê-lo para mim. Espero que a viagem desde Londres tenha sido boa e que você aprecie sua estada em meu belo país.

Seu amigo,

Drácula

4 de maio – Descobri que o senhorio havia recebido uma carta do conde com a orientação de que me garantisse o melhor lugar na diligência; mas quando eu quis saber mais detalhes ele me pareceu algo reticente e fingiu não entender meu alemão. O que não podia ser verdade, pois até então havia entendido tudo com perfeição; ou, pelo menos, respondera às minhas perguntas exatamente como se as tivesse entendido. Ele e a

esposa, a senhora que me recebera, entreolharam-se um tanto apavorados. O senhorio resmungou que tudo o que sabia era que o dinheiro tinha vindo dentro de uma carta. Quando perguntei se conhecia o conde Drácula e se podia me contar alguma coisa sobre o castelo, tanto ele como a esposa fizeram o sinal da cruz e, dizendo não saber nada mesmo, simplesmente se recusaram a continuar a conversa. Foi tão próximo da hora de sair que não tive tempo de perguntar nada a mais ninguém, mas aquilo tudo foi muito misterioso e de modo algum reconfortante.

Pouco antes de minha partida, a velha senhora veio até meu quarto e exclamou de modo histérico:

– Tem mesmo que ir? Oh! Jovem *Herr*, tem mesmo que ir?

Estava tão exaltada que parecia ter perdido o pouco alemão que sabia e misturou tudo com outra língua que eu desconhecia por completo. Só com muitas perguntas é que consegui entendê-la. Quando afirmei que precisava ir embora de uma vez e que tinha um compromisso de negócios importante, ela indagou de novo:

– Sabe que dia é hoje?

Respondi que era 4 de maio. Ela balançou a cabeça e repetiu:

– Oh, sim! Sei disso! Sei muito bem, mas o senhor tem ideia de que dia é hoje?

Respondi que não havia entendido, ela continuou:

– É véspera do dia de são Jorge. O senhor sabe que hoje à noite, quando o relógio der meia-noite, todas as coisas malignas do mundo vão estar à solta? O senhor sabe aonde está indo e o que vai fazer?

Estava tão claramente angustiada que tentei consolá-la, mas sem efeito. Por fim, ajoelhou-se e implorou que eu não fosse embora; que pelo menos esperasse um ou dois dias antes de partir. Foi tudo muito ridículo, mas não me senti à vontade. No entanto, havia um negócio a ser fechado, e eu não poderia permitir nenhuma interferência. Tentei erguê-la do chão e afirmei, com toda a gravidade que consegui, que agradecia muito, mas que meu dever era imperioso, e eu precisava mesmo partir. Ela por fim se levantou, enxugou as lágrimas e, tirando um crucifixo do pescoço, ofereceu-o a mim. Não soube o que fazer, pois, como anglicano, aprendi a considerar essas coisas uma espécie de idolatria, no entanto me pareceu errado fazer tal desfeita a uma velha senhora cheia de boas intenções e naquele estado de espírito. Ela percebeu, imagino, a hesitação em meu rosto, pois colocou o rosário em meu pescoço e rogou:

– Faça isso pela sua mãe.

E saiu do quarto.

Escrevo este trecho do diário ainda com o crucifixo no pescoço, enquanto espero o cocheiro, que, é claro, está atrasado. Talvez pelo medo da velha senhora, ou pelas muitas tradições de fantasmas deste lugar, ou devido ao próprio crucifixo, não sei, mas não estou com a mente tranquila como de costume. Se este caderno chegar às mãos de Mina antes de mim, que leve o meu adeus. *Aí vem o cocheiro!*

5 de maio, no castelo – A bruma da manhã passou, e o sol está alto no horizonte distante, que parece recortado, seja de árvores ou montanhas, não sei, pois está tão longe que coisas

grandes e pequenas se confundem. Estou sem sono, e ninguém vai me chamar até que eu acorde, portanto vou escrever até o sono chegar. Há muitas coisas estranhas a registrar, e, para que ninguém leia isto e imagine que exagerei no jantar antes de partir de Bistritz, anoto exatamente o cardápio. Comi o que eles chamam de “bife ladrão” – espetinhos de toucinho, cebola e carne temperados com pimenta vermelha e assados no fogo, no singelo estilo dos churrascos para gato de Londres! O vinho era um Golden Mediasch, que causa uma estranha pontada na língua, mas, no entanto, não é nada desagradável. Bebi apenas duas taças, e nada mais.

Quando subi na diligência, o cocheiro ainda não havia assumido seu posto, e vi que conversava com a senhoria. Evidentemente falavam de mim, pois de quando em quando olhavam na minha direção, e algumas pessoas que estavam sentadas no banco ao lado da porta – que eles chamam por um termo que significa “portador de palavras” – vieram e ficaram ouvindo, virando-se para mim, a maioria com uma expressão de pena. Consegui distinguir muitas palavras sendo repetidas, palavras estranhas, pois havia muitas nacionalidades naquele grupo, então discretamente saquei meu dicionário poliglota da bolsa e as procurei. Devo dizer que não me pareceram muito animadoras, pois entre elas estavam: *Ördög*, Satã; *pokol*, inferno; *stregoica*, bruxa; e *vrolok* e *vlkoslak*, ambas significando a mesma coisa, lobisomem ou vampiro, em eslovaco e sérvio. (Lembrete: perguntar ao conde sobre essas superstições.)

Quando partimos, todas as pessoas junto à porta da estalagem, cujo grupo àquela altura aumentara consideravelmente,

fizeram o sinal da cruz e apontaram dois dedos para mim. Com alguma dificuldade, consegui que um companheiro de viagem me dissesse o que significava aquilo. Ele não respondeu a princípio, mas ao descobrir que eu era inglês explicou que era uma proteção contra mau-olhado. Não gostei nada disso, uma vez que estava indo a um lugar desconhecido para encontrar um homem desconhecido. Mas todos pareciam tão bondosos, tão pesarosos e solícitos que não pude deixar de me comover. Jamais esquecerei a última visão do pátio da estalagem e aquele grupo de figuras pitorescas, todas se persignando sob a arcada larga, com seu fundo de folhas de oleandro e laranjeiras nos canteiros verdes no centro do pátio. Então nosso cocheiro, cujas calças largas de linho cobriam toda a frente do assento da diligência – *gotza*, como eles chamam –, estalou seu longo chicote nos quatro cavalinhos, que saíram em disparada, e começamos viagem.

Em face da beleza da paisagem, logo perdi de vista e da memória esses temores fantasmagóricos, embora talvez não tivesse conseguido me livrar deles com tanta facilidade se soubesse a língua, ou melhor, as línguas, que meus companheiros de viagem falavam. Diante de nós estendia-se um verdejante terreno em aclive repleto de florestas e bosques, com encostas íngremes de quando em quando, coroadas de arvoredos ou casas de campo com as empenas do telhado voltadas para a estrada. Em toda parte havia uma estonteante quantidade de frutos – maçãs, ameixas, peras, cerejas. E conforme passávamos pude notar a grama verde sob as árvores juncada de pétalas caídas. Por entre as colinas verdejantes, que eles chamam

aqui de Mittelland, corria a estrada, perdendo-se ao contornar curvas relvadas, ou cobrindo-se de agulhas de pinheiros, que vez por outra desciam as encostas feito línguas de fogo. A estrada era irregular, mas ainda assim parecíamos flutuar sobre ela com uma pressa febril. Não conseguia entender portanto o motivo da afobação, mas o cocheiro estava evidentemente inclinado a chegar a Borgo Prund o quanto antes. Disseram-me que a estrada é excelente no verão, mas que ainda não havia sido consertada depois das nevascas do inverno. Nesse aspecto, ela difere das estradas nos Cárpatos, pois é uma velha tradição que não sejam mantidas em bom estado. Desde tempos antigos, os hospodares não as restauravam, para que os turcos não pensassem que estavam se preparando para receber soldados estrangeiros e assim apressassem a guerra que, na verdade, estava sempre prestes a estourar.

Além das encostas verdes e ondulantes da Mittelland erguiam-se poderosos contrafortes de florestas até as altas escarpas dos próprios Cárpatos. Estendiam-se à direita e à esquerda de nós, com o sol da tarde caindo sobre eles e exibindo as gloriosas cores da bela cadeia de montanhas, azuis profundos e roxos nas sombras dos picos, verdes e marrons onde a relva e a rocha se mesclavam, e uma perspectiva infinita de rochas irregulares e pedras angulosas, até que mesmo estas se perdiam na distância, onde ressaltavam majestosos os picos nevados. Aqui e ali abriam-se portentosos penhascos nas montanhas, através dos quais, quando o sol começava a baixar, víamos de quando em quando cintilações brancas de quedas d'água. Um de meus companheiros tocou meu braço quando, ao contor-

narmos a base de uma encosta, desvendou-se o altíssimo pico nevado de uma montanha, que, em nosso serpentejar, parecia estar logo à nossa frente.

– *Veja! Isten szek!* O assento de Deus! – E fez o sinal da cruz reverentemente.

À medida que seguíamos em nosso caminho sem fim e o sol ficava cada vez mais baixo atrás de nós, as sombras do anoitecer começaram a rastejar à nossa volta. Isso era enfatizado pelo fato de que o topo da montanha coberto de neve ainda retinha o ocaso e parecia reluzir com um rosa delicado e discreto. Passamos por tchecos e eslovacos, todos em trajes pitorescos, mas dolorosamente notei muitos casos de bócio. Vi muitas cruzeiras à beira da estrada, e, ao passar por elas, todos os meus companheiros se benzeram. Vez por outra havia um camponês ou uma camponesa ajoelhados diante de um santuário, mas pareciam entregues à devoção e nem sequer se viravam quando nos aproximávamos, sem olhos nem ouvidos para o mundo exterior. Havia muitas coisas novas para mim. Por exemplo, montes de feno nas árvores e, em alguns trechos, belos emaranhados de bétulas, com seus troncos brancos brilhando feito prata por entre o verde delicado das folhas. De quando em quando passávamos por uma carroça – o veículo camponês mais comum – com sua estrutura comprida articulada como vértebras serpenteantes, projetada para se adequar à estrada irregular. Sobre elas, sempre iam sentados grupos de camponeses voltando para casa, tchecos com suas peles de ovelhas brancas e eslovacos com peles tingidas e portando longos cabos em forma de lança com um machado na extremidade. Ao anoitecer, começou a

esfriar muito, e o avanço do crepúsculo pareceu encobrir a escuridão das árvores – carvalhos, faias e pinheiros – numa névoa soturna, embora, nos vales que corriam lá embaixo entre os espigões das encostas enquanto atravessávamos o passo, os abetos negros se destacassem aqui e ali contra o fundo da neve recente. Às vezes, quando a estrada atravessava bosques de pinheiros que, no negrume, pareciam se fechar sobre nós, grandes massas cinzentas que cobriam as árvores em determinados pontos produziam um efeito particularmente estranho e solene, trazendo de volta os pensamentos e as imaginações tenebrosas engendradas mais cedo naquela tarde, com o sol poente dando estranho relevo às nuvens fantasmagóricas que entre os Cárpatos parecem serpentear incessantemente pelos vales. Em alguns trechos as encostas eram tão íngremes que, apesar da pressa do cocheiro, os cavalos só conseguiam trotar lentamente. Eu quis descer e seguir caminhando ao lado deles, como fazemos na Inglaterra, mas o cocheiro não permitiu.

– Não, não – sentenciou ele. – Aqui o senhor não pode andar. Os cães são muito ferozes. – E então acrescentou, com o que evidentemente lhe pareceu um gracejo soturno, pois olhou para trás procurando o sorriso de aprovação de meus companheiros de viagem: – E é possível que ainda veja muita coisa assim antes de dormir.

A única parada que fez foi uma pausa momentânea para acender os lampiões. Quando anoiteceu, uma certa excitação pareceu se instaurar entre os passageiros, que ficaram falando com o cocheiro, um depois do outro, como se insistissem para ir ainda mais depressa. Ele lanhou os cavalos impiedosamente

com o longo chicote e, com gritos selvagens de encorajamento, obrigou-os a esforços ainda maiores. Então, através da treva, consegui distinguir uma espécie de mancha de luz cinzenta à nossa frente, como se houvesse uma fenda na montanha. A excitação dos passageiros aumentou. A diligência ensandecida balançou sobre suas grandes molas de couro e sacudiu feito um barco lançado ao mar tempestuoso. Precisei me segurar. A estrada ficou mais plana, e era como se estivéssemos voando sobre ela. Então as montanhas pareceram se aproximar pelos dois lados e se fechar sobre nós. Estávamos entrando no passo Borgo. Um por um, diversos dos passageiros me ofereceram presentes, que empurraram para mim com uma veemência que não admitia recusas. Decerto eram objetos estranhos e variados, mas cada um deles foi oferecido de boa-fé, com uma palavra afetuosa, uma bênção e aquela mesma mistura incomum de movimentos indicativos de temor que eu notara na porta do hotel em Bistritz – o sinal da cruz e o gesto contra mau-olhado. Então, enquanto corríamos, o cocheiro se inclinou para a frente, e os passageiros se esticaram sobre ambas as laterais da diligência, observando avidamente a escuridão. Era óbvio que algo muito excitante estava acontecendo ou devia acontecer a qualquer momento, mas embora eu tenha perguntado às pessoas à minha volta, ninguém me forneceu a menor explicação. Esse estado de excitação durou algum tempo. Até que por fim nos vimos diante da abertura do passo para o lado oriental. Nuvens escuras corriam sobre nossas cabeças, e havia no ar a expectativa pesada e opressiva de um trovão. Era como se a cadeia de montanhas tivesse duas atmosferas distintas, e

que estivéssemos penetrando a trovejante. A essa altura, eu também estava olhando para fora à procura da carruagem que me levaria ao conde. Esperava a todo instante ver o clarão dos lampiões através do negrume, mas estava tudo escuro. A única luz eram os raios bruxuleantes de nossos próprios lampiões, em cujo facho o hálito de nossos cavalos ofegantes se erguia em nuvens brancas. Agora podíamos ver a estrada de areia estendendo-se branca à nossa frente, mas não havia sinal algum de outro veículo. Os passageiros recostaram novamente com um suspiro de contentamento, que parecia zombar de minha própria frustração. Eu já estava pensando o que seria melhor fazer, quando o cocheiro, olhando no relógio, disse aos outros algo tão baixo e com tanta suavidade que mal consegui ouvir, mas pensei ser:

– Uma hora mais cedo. – Então ele se virou para mim e anunciou num alemão pior que o meu: – Não tem carruagem nenhuma aqui. O *Herr* afinal não estava sendo aguardado. Ele agora vai para Bucovina e volta amanhã ou no dia seguinte, melhor no dia seguinte.

Enquanto falava comigo, os cavalos começaram a relinchar e patear enfurecidos, de modo que o condutor precisou contê-los. Nesse momento, em meio a um coro de gritos de camponeses que faziam o sinal da cruz, uma caleça puxada por quatro cavalos aproximou-se, passou por nós e parou ao lado do cocheiro. Pude ver à luz dos nossos lampiões, quando os raios bruxuleantes atingiram os cavalos, que eram animais esplêndidos, negros como carvão. Eram conduzidos por um homem alto, com uma longa barba marrom e usando uma grande cartola preta que

parecia nos ocultar seu rosto. Só consegui enxergar a cintilação de um par de olhos muito brilhantes, que pareciam vermelhos à luz do lampião, quando ele se virou para nós e disse ao cocheiro:

– Chegou mais cedo esta noite, meu amigo.

O homem gaguejou em resposta:

– *Herr* Inglês estava com pressa.

Ao que o estranho retrucou:

– Deve ser por isso, imagino, que você queria que ele fosse para Bucovina. Você não me engana, meu amigo. Sei muitas coisas, e meus cavalos são ágeis.

Enquanto falava, sorria, e a luz dos lampiões iluminou uma boca rígida, de lábios muito vermelhos e dentes que pareciam pontiagudos e brancos como marfim. Um de meus companheiros de viagem sussurrou para o outro um verso de “Lenore”, de Bürger:

Denn die Todten reiten schnell.

(Pois os mortos viajam depressa.)

O estranho condutor evidentemente ouviu as palavras, pois nos fitou com um sorriso esfuziante. O passageiro virou o rosto, ao mesmo tempo que estendia os dois dedos e fazia o sinal da cruz.

– Passe-me a bagagem do *Herr* – ordenou, e com enorme euforia minhas malas foram retiradas e postas na caleça.

Desci pela lateral da diligência, uma vez que a caleça estava muito próxima, e seu condutor me estendeu a mão e segurou ferreamente meu braço. Devia ter uma força prodigiosa. Sem

dizer palavra, sacudiu as rédeas, os cavalos se viraram, e avançamos na escuridão do passo. Ao olhar para trás vi o hálito dos cavalos da diligência à luz dos lampiões e imaginei naquele vapor as figuras de meus últimos companheiros de viagem se persignando. Então o cocheiro estalou o chicote e gritou com os cavalos, e lá foram eles na direção de Bucovina. Quando penetraram o breu senti um estranho calafrio e fui acometido por uma sensação de solidão. Mas logo uma capa foi atirada sobre meus ombros, e um tapete sobre meus joelhos, e o condutor disse em alemão perfeito:

– A noite está gelada, *mein Herr*, e meu senhor o conde me pediu para tratá-lo muito bem. Há uma garrafa de *slivovitz* (a aguardente de ameixas local) embaixo do assento, caso o senhor queira.

Não bebi, mas foi um consolo saber que a garrafa estava ali. Sentia-me um tanto estranho, mas nada assustado. Creio que se houvesse qualquer outra alternativa, teria optado por ela, em vez de prosseguir naquela viagem noturna pelo desconhecido. A carruagem seguiu em linha reta num ritmo intenso, então fizemos uma volta completa e continuamos por outra estrada reta. Pareceu-me que simplesmente percorríamos repetidamente o mesmo terreno, então prestei atenção em determinados detalhes e me dei conta de que era exatamente isso que fazíamos. Quis perguntar ao condutor qual a razão daquilo, mas na verdade tive medo, pois pensei que, na minha posição, meu protesto não surtiria efeito algum caso o atraso fosse intencional. Vez por outra, contudo, curioso para saber como o tempo ia passando, eu acendia um fósforo e, com a

chama, conferia o relógio. Faltavam poucos minutos para a meia-noite. Isso me assustou um pouco, imagino que a superstição geral sobre a meia-noite tenha aumentado em função de minhas experiências recentes. Aguardei com uma nauseante sensação de suspense.

Logo em seguida, um cão começou a uivar algures, numa casa de fazenda distante pela estrada afora, um longo e agonizante lamento, como que de medo. A ele se seguiu outro cão, e depois outro e mais outro, até que, levado pelo vento que suspirava suavemente ao longo do passo, começou um ganido selvagem que parecia vir de toda a região, desde os mais remotos confins que a imaginação podia alcançar no negrume da noite. No primeiro uivo, os cavalos começaram a relinchar e a empinar, mas o condutor falou com eles num sussurro e eles se acalmaram, embora tenham permanecido trêmulos e suados como depois de uma disparada motivada por algum pavor súbito. Então, longe na distância, vindo das montanhas de ambos os lados, surgiu um uivo mais alto e mais agudo – o som de lobos – que me afetou tanto quanto aos cavalos, pois quase saltei da caleça e saí correndo, enquanto eles tornaram a empinar e a avançar loucamente, de modo que o condutor precisou usar de toda a sua força descomunal para evitar que disparassem. Em poucos minutos, no entanto, meus ouvidos se acostumaram ao som, e os cavalos se acalmaram, a ponto de o condutor conseguir descer e ficar de pé na frente deles. Ele os acariciou e os tranquilizou, sussurrando algo em seus ouvidos como já vi domadores de cavalos fazerem. O efeito foi extraordinário, e depois dos carinhos, os animais ficaram

novamente bastante dóceis, embora ainda estivessem trêmulos. O condutor voltou ao seu assento, e, sacudindo as rédeas, partimos em bom ritmo. Dessa vez, depois de chegarmos ao extremo do passo, ele virou de súbito numa estrada estreita que seguia agudamente para a direita.

Logo estávamos cobertos por árvores, que em alguns trechos formavam arcos sobre a estrada pelos quais passávamos como que através de um túnel. Mais uma vez rochedos sombrios nos protegiam dos dois lados. Embora estivéssemos abrigados, conseguíamos ouvir o vento forte, pois ele gemia e assobiava por entre os rochedos, e os ramos das árvores se chocavam à nossa passagem. Foi ficando cada vez mais frio, e uma neve fina, pulverizada, começou a cair, de modo que em pouco tempo nós e tudo à nossa volta ficamos sob um manto branco. O vento insistente ainda trazia o uivo dos cães, embora o som se atenuasse conforme avançávamos em nosso caminho. O ganido dos lobos soava cada vez mais próximo, como se eles estivessem nos cercando por todos os lados. Fiquei terrivelmente apavorado, e os cavalos partilhavam do meu medo. O cocheiro, contudo, não se abalou nem um pouco. Ele virava a cabeça para a esquerda e para a direita, mas eu não conseguia enxergar nada na escuridão.

Subitamente, lá longe, à nossa esquerda, distingi uma chama azul fraca e bruxuleante. O cocheiro a viu no mesmo instante que eu. Deteve de repente os cavalos e, saltando no chão, sumiu na escuridão. Fiquei sem saber o que fazer, ainda mais porque o uivo dos lobos se aproximou, mas enquanto avaliava minha situação, o cocheiro tornou a aparecer de súbito e, sem uma palavra, voltou ao seu assento, e retomamos nossa

viagem. Creio que dormi e sonhei com o incidente, pois o fato me pareceu se repetir vezes sem fim, e agora, pensando em retrospecto, parece um pesadelo tenebroso. A dado momento, a chama apareceu tão perto da estrada que, mesmo com toda a escuridão à nossa volta, consegui observar os movimentos do cocheiro. Ele correu até onde a chama azul estava – devia ser muito fraca, pois não parecia iluminar em nada o espaço ao redor – e, recolhendo umas poucas pedras, formou com elas uma espécie de aparato. Com isso, deu-se um estranho efeito óptico: embora o cocheiro estivesse entre mim e a chama, ele não a obstruía, pois eu ainda podia enxergar o bruxuleio fantasmagórico. Isso me sobressaltou, mas como o efeito foi apenas momentâneo, presumi que meus olhos estavam me enganando devido ao esforço de enxergar na escuridão. Então, por algum tempo, não houve mais chama azulada, e seguimos em frente velozes através da treva, com o uivo dos lobos à nossa volta, como se estivessem nos seguindo num círculo móvel.

Por fim, houve um momento em que o cocheiro entrou ainda mais no campo do que das outras vezes, e, durante sua ausência, os cavalos começaram a tremer mais intensamente e a bufar e relinchar de pavor. Não vi motivo para aquilo, pois o uivo dos lobos havia cessado por completo. Mas justo nesse momento, a lua, navegando por entre negras nuvens, apareceu por detrás da crista irregular de um rochedo protuberante e coberto de pinheiros, e sob sua luz vi que estávamos rodeados por um bando de lobos, com dentes brancos e línguas rubras para fora, patas compridas e musculosas, e pelames desgrenhados. Eram cem vezes mais terríveis naquele silêncio

soturno do que quando estavam uivando. Senti uma espécie de paralisia de medo. Somente quando um homem se vê face a face com tais horrores pode compreender a verdadeira relevância deles.

Os lobos começaram a uivar todos ao mesmo tempo, como se o luar tivesse algum efeito peculiar sobre eles. Os cavalos se inquietaram e empinaram, e olharam indefesos ao redor, revirando os olhos de um modo angustiante de se ver. Mas o círculo vivo de terror os cercava por todos os lados, e eram obrigados a permanecer dentro dele. Chamei o cocheiro, pois me parecia que nossa única chance era tentar romper o círculo para ajudá-lo a voltar. Berrei e bati na lateral da caleça, na esperança de que o ruído espantasse os lobos, dando ao cocheiro uma chance de nos alcançar. Como ele chegou não sei dizer, mas ouvi sua voz, alta, num tom de comando imperioso, e, olhando na direção do som, o vi de pé na estrada. Conforme agitava os braços compridos, como se livrando de algum obstáculo impalpável, os lobos foram recuando mais e mais. Foi quando uma nuvem pesada passou pela face da lua, e voltamos a mergulhar na escuridão.

Quando consegui voltar a enxergar, o cocheiro estava subindo na caleça, e os lobos haviam desaparecido. Foi tudo tão estranho e sobrenatural que um temor pavoroso me dominou, e tive medo de falar e até de me mexer. O tempo parecia interminável quando retomamos nosso caminho, agora na escuridão quase completa, pois as nuvens que passavam obscureciam a lua. Continuamos subindo, com períodos ocasionais de rápida descida, mas em geral estávamos sempre

subindo. Subitamente me dei conta de que o cocheiro estava puxando os cavalos no pátio de um enorme castelo em ruínas, de cujas altas janelas negras não provinha nenhum raio de luz, e cujas ameias destruídas formavam uma linha irregular destacada contra o céu.